BOLETIM CULTURAL DO C.C.A.M. N.º 2, ABRIL 1998 - PREÇO UNIT. 100$00

9446

ESTILETE

Boletim Cultural

Propriedade do:
Centro Cultural do Alto Minho
R. Manuel Espregueira, n.º 399
Telef. (058) 24819

Direcção:
Maria Arlette Salgado Faria

Arranjo Gráfico:
Júlio Capela

Colaboram neste número:
António Barbedo Magalhães
Carlos da Silva Lopes
Fernando Canedo
Júlio Capela
Laureans
Maria Arlette Salgado Faria
Oliveira Martins

Apoios:
Primauto - Concessionários
Fiat- Matosinhos
IPJ - Delegação Regional de
Viana do Castelo

Tiragem:
750 exemplares

Impressão:
Gráficas Juvia

SUMÁRIO

• Estilete 3

• Poesia de Xanana Gusmão, com ilustrações de Júlio Capela 4

• Timor-Leste – Tempo de inquiétação e esperança 5 a 11

• Poesia de Carlos Silva Lopes e Laureans e ilustrações de Júlio Capela 12

• Timor – Ilustração de Oliveira Martins 13

• Timor – Recordando D. Martinho da Costa Lopes 14 e 15

• Timor-Leste uma ilha esquecida 16

• Actividades de C.C.A.M. Desde Agosto de 1997 17 e 18

• Publicidade 19

ESTILETE

Quer queiramos quer não nos sobressaltos da história de um povo que se quer livre e autónomo, a figura humana e substantiva de Xanana Gusmão resistirá, por mais contraditórios adjectivos e antonomásias que sobranceiramente lhe queiram apor.

Filho de um povo historicamente votado ao ostracismo, sempre sacrificado e resistente desde as primeiras e ferozes incursões coloniais portuguesas, passando pela ocupação japonesa bélica e atroz, até à recente e brutal invasão da Indonésia, Xanana tomou consciência da sua fraca condição perante o gigante económico indonésio e a hipocrisia do mundo. Desprezou o conforto e deu-se à luta. Guerrilhou, espraiou raízes e deu corpo ao nosso fabulário ocidental do rato e do leão, do pigmeu e do gigante, de David e Golias.

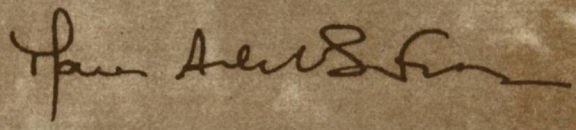
Quem somos nós, para nos atrevermos, iludidos pelo mediatismo hábil indonésio, a apelidar este homem negativamente? Ele que nos deu incondicionalmente lições de cidadania e diplomacia em plena clandestinidade: mensagens de apelo à solidariedade aos poderes políticos e religiosos nacionais e estrangeiros, prendas - símbolos da identidade timorense, lições de amizade e reconhecimento às organizações que não o esqueceram, nem ao seu povo.

Enquanto se auto-formava e furava as malhas dum império que não quer seu, através de mensagens permanentes, escritas e gravadas, ora em cadernos diários, cassetes, videos e rádio, o mundo deixava "correr o marfim", mexendo-se apenas nervosamente do seu assento e na sua consciência, quando homems audazes dos "média" nacional e estrangeira, obrigavam-nos a assistir a "provas" essencialmente visualizadas. Lamentavelmente, o virtual consegue muito mais do que as palavras de testemunhos humanos sacrificados.

Julgado e condenado, convenientemente, a vinte anos de prisão, num tribunal fantoche, Xanana, deu-nos ainda uma outra lição, a de bom estratega: não andou a guerrilhar para fazer de conta e mostrou que não se rendera, como muitos queriam pensar. Concerteza que na história de Timor-Leste e na história mundial o seu discurso ainda que censurado prevalecerá como exemplo pátrio.

A pedido dos jovens que se querem anónimos e que connosco trabalharam o projecto "Xanana Gusmão visto pela Imprensa Portuguesa", subsidiado pelo Instituto da Juventude de Viana do Castelo, parafraseamos Fernão Lopes: **"Ó gerações futuras, vê-de, vê-de como lutaram este homem a este povo."**

Maria Arlette Salgado Faria



TL 4476-1

Excertos da primeira parte do Ensaio Poético de José Alexandre Gusmão – 1º Classificado no Concurso Literário promovido pelo CIT – Centro de Informação de Turismo de Timor e publicidade em Maio de 1975 pela "Voz de Timor".

I PARTE

Á gente lusa a nossa homenagem
Sincera, sem peias, de cujo brilho
Ao vento da história deu viragem,
Limpou do fascismo o pecadilho,
Permitiu a humanos de outra raça
tratarem-se todos com igualdade.
Se, outrora, eram menos que a pobre traça
O apanágio, agora, é irmandade.

Da África deu aos negros liberdade
De escolher caminho pr'a seu futuro
Pôs termo à guerra e à falsidade
Dum governo podre e regime duro.
Optaram as colónias pl'a Independência
E o eco a Timor também chegou:
Criaram-se os partidos com veemência
E cada um as suas teses expressou.

Corações haurindo o querer do povo
Espezinhado, dócil e esquecido,
Para a nova vida, um sentido novo
Em termo democrático embebido.
Frente de combate – um alicerce
De um labor profícuo e persistente,
Toda a base ruim cortada cerce
É necessidade e dever premente.

Se nesta ideia há revolução
Para os oprimidos um lenitivo.
Que trenam os tronos da corrupção
Que tão palável era, tão ao vivo!
Sua honra empenharam a bom dinheiro,

Baixeza de carácter demonstraram,
O vencimento ia todo p'ra o mealheiro
Ainda faustaosa vida levaram!

Fervendo o quente sangue, tropical
sua voz acima se alevanta,
Dentre lamúrias e queirinhas tal
Mais alto soa e o seu Hino encanta.
Da obra magna mesteréis valentes
O povo grita e aclama o grande nome.
Oh! a juventude e o querer ardente.
Ideias não há nem força que dome.

Do mar salgado, rota de epopeias
De mareante que a esta ilha buscaram
Fama, riqueza vária e das sereias
Os seus lamentos, formas suas cantaram,
As ondas dóceis já entoam baixinho
Da liberdade o hino que ouviram
E os corais, lado a lado, em burburinho
Ao céu, vir à terra, até pediram.

Da planicie mansa a mensagem voa
Da cabana a porta ela vai bater,
Para outra ainda toma rumo e escoa,
Dá vida ao povo rude de sofrer,
Palmeiras que verdejam na campina
Esguios, roçando o vento, os coqueiros
Antenas que transmitem e à surdina
Acenam, como porto, aos pobres beiros.

TL4476-2

TIMOR LESTE

Tempo de Inquietações e Esperança

A . Barbedo de Magalhães
(Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto)

1 – Em termos relativos, o povo de Timor Leste tem sofrido um genocídio pior que o holocausto que o nazismo fez cair sobre os judeus .

Ao fim de mais de vinte e dois anos de ocupação ainda muita gente não conhece a extensão real do sofrimento e da morte que se abateu sobre o Povo de Timor Leste.

É dificil fazer estatisticas num território ocupado e que , na prática , permaneceu quase completamente fechado ao exterior durante 13 anos. Mas, segundo dados da Igreja, compilados pelo especialista francês Gabriel Defert, e, de certo modo, confirmados por relatórios das forças armadas indonésias (citadas pelo Professor indonésio George Aditjondro) cerca de 308 000 timorenses terão morrido nos primeiros anos da ocupação indonésia. Tendo em conta que a população, aquando do início do conflito, era de 696 000 pessoas, isso representa uma perda de vidas humanas, em consequência da ocupação indonésia , de ordem dos 44%. Nem o holocausto nazi, com o extermínio de mais de 5 milhões de judeus(numa população inicial de 15 750 000), correspondente a 33% da população existente no início das perseguições, foi tão longe em termos relativos.

Segundo um relatório do parlamento australiano, o número de cabeças de gado existentes em Timor ter-se-á tornado, quatro anos depois da invasão , em pouco mais de um décimo do que era antes (em 1973). As perdas de cabeças de gado foram da ordem dos 88% .

Estes números dão-nos a dimensão da tragédia que se abateu sobre aquele povo , vítima de circunstâncias históricas e da indiferença quase universal e completa.

Mas não são só os números de mortos e de pessoas torturadas e violadas. È o clima de terror permanente, que se arrasta há mais de vinte e dois anos, e que constantemente oprime e traumatiza uma população inteira.

2- Timor Leste foi vítima da Guerra fria e da conjugação de interesses geopolíticos, económicos e, até, religiosos.

A queda de Saigão, nas mãos dos comunistas vietnamitas, em 30 de Abril de 1975, ao simbolizar a derrota americana face ao expansionismo soviético, desempenhou um papel fulcral na psicose que tomou conta do "ocidente" e nas decisões dos principais responsáveis políticos mundiais, nesse ano quente da Guerra Fria entre os dois grandes blocos mundiais.

O medo de que Timor se viesse a converter num instrumento do expansionismo soviético na região, levou o Governo dos EUA e de outras potências ocidentais a apoiar a anexação que muitos generais indonésios ambicionavam.

A Austrália, além de não querer desagradar ao super-populoso vizinho, também não quis perder a oportunidade de conseguir um acordo para a exploração do petróleo do mar de Timor, mais favorável, se feito com a Indonésia, do que com Portugal (com quem estava em negociações havia já alguns anos) ou com um Timor Leste independente.

Católicos indonésios proeminentes, quer bispos, quer personalidades ligadas ao Instituto de Estudos Estratégicos de Jakarta, quiseram dar provas do seu elevado patriotismo e acrescentar algumas centenas de milhares de cristãos à pequena minoria existente na Indonésia. Alguns bispos terão mesmo escrito ao General Suharto a aconselhá-lo a anexar Timor Leste .

O assassinato, pelas tropas indonésias dos jornalistas estrangeiros que estavam em Timor, em finais de 1975, e a conivência de muitos governos, permitiu calar a imprensa e adormecer as consciências dos cidadãos. Livres da crítica, os governantes das nações puderam riscar do seu falso realismo, o Povo de Timor Leste e os seus direitos.

3- Uma Resistência solidária mas tenaz consegue sobreviver aos ventos adversos da história e a numerosos governos aliados dos ocupantes, porque ela corresponde ao apelo profundo de todo um Povo.

Nas suas memórias, o ex-Embaixador dos Estados Unidos na ONU, Daniel Patrick Moynihan afirmava, orgulhoso, de que relativamente a Timor Leste " *Os Estados Unidos desejavam que as coisas se passassem como aconteceram, e fizeram os possíveis para que assim fosse. O Departamento de Estado desejava que as Nações Unidas se mostrassem ineficazes em quaisquer medidas que eventualmente fossem tomadas .Esta tarefa foi –me entregue, e cumpri-a com assinalável êxito.*"

Este apoio diplomático, que não foi apenas dos Estados Unidos , mas das principais potências (ocidentais e não só...), foi crucial para abafar quase completamente a questão nas Nações Unidas.

No terreno, e perante a coragem dos timorenses que impediu uma conquista que os generais indonésios julgavam ser fácil e durar apenas alguns dias, foi, também o apoio militar americano primeiro, britânico, francês, alemão, holandês e até espanhol , depois, que permitiu eliminar aldeias, destruir gado e culturas, matar jovens , velhos, mulheres e crianças , e eliminar todas as bases da Resistência.

Quando, em 31 de Dezembro de 1978, o segundo presidente da FRETILIN, Nicolau Labato, morreu em combate, 80 % das forças das FALINTIL tinham sido eliminadas e os pequenos grupos de sobreviventes estavam desarticulados entre si e sem quaisquer comunicações com o exterior. Dos cerca de cinquenta membros do seu Comité Central, restavam três sobreviventes, no território.

O Governo Indonésio julgou que estava ganha a batalha. Mas os sobreviventes, que eram quase só mulheres, velhos e crianças, que Xanana foi encontrando aos poucos, perdidos nas montanhas, diziam-lhe:

" *Já sofremos demasiado, preferimos morrer a ser mais humilhados. Continue a luta que nós apoiamos*"

Xanana Gusmão, sensível ao apelo do seu Povo , procura re-estabelecer os contactos com os raros combatentes que sobreviveram. Ao fim de dois anos de esforços, consegue reunir, de 1 a 8 de Março de 1981, uma Conferência Nacional da FRETILIN em que são analisados os êxitos e fracassos da luta, redefinida nova estratégia e eleito Kay Rala Xanana Gusmão como novo líder da Resistência.

É o renascer das cinzas da luta heróica do Povo Maubere, pela sua liberdade e dignidade.

Alguns missionários conseguem, com dificuldade, furar o bloqueio total a que a Ilha estava sujeita, e fazer chegar ao exterior raras notícias e alguns relatórios do reino de terror imposto pelos ocupantes.

Apesar disso, quando em 20 e 23 de Março de 1983 Xanana Gusmão se encontra com o comandante das forças indonésias em Timor Leste (Coronel Purwanto, e acordam num cessar fogo, Portugal e o mundo permanecem indiferentes.

Alguns jornais descrevem esse encontro histórico como se se tratasse duma rendição da FRETILIN ... e a luta recomeça em Agosto do mesmo ano, solitária, como sempre, sem qualquer apoio exterior.

Como diria mais tarde José Ramos Horta, entretanto laureado com o Prémio Nobel da Paz em 1996, graças a essa tenacidade o Povo de Timor Leste conseguiu sobreviver aos governos de Ford, de Carter, de Reagan, de Bush e ao primeiro mandato de Clinton, nos EUA, a sucessivos governos britânicos , franceses, alemães, japoneses e australianos, apesar do apoio político diplomático e militar que todos eles deram à ocupação indonésia do Território.

4 - Etapas de uma luta heróica

Não foi só o Mundo que mudou nestes últimos 22 anos. A própria Resistência passou por sucessivas fases, tentando adaptar-se às condições que lhe eram impostas. Esquematicamente podemos considerar as dez fases seguintes:

1ª Fase - **De Dezembro de 1995 a Agosto de 1997**

Contrariamente às expectativas dos Generais Indonésios, que julgavam poder conquistar Timor Leste em três dias e ter o território completamente controlado e a situação estabilizada em três semanas, a FRETILIN resiste fazendo uma **guerra de posições clássica**.

Durante largos meses, 85% da população timorense viveu nas zonas controladas pela FRETILIN, cultivando as terras e frequentando escolas improvisadas onde o português continuou a ser leccionado utilizando o método de Paulo Freire.

2ª fase - **De Setembro de 1977 a princípios de 1981**

Vendo-se em dificuldades para esmagar a Resistência Timorense e controlar o territ—rio, o Governo Indonésio pediu ajuda militar aos EUA, primeiro, e ao Reino Unido que, depois, rapidamente o forneceram, passando por cima das leis e dos parlamentos desses países.

Com apoio de aviões Bronco OV-10, de fabrico americano, cujo fornecimento começa em Setembro de 1976, e Hawk, da British Aerospace (a partir de Abril de 1978), a maior parte do território de Timor, que ainda estava sob controlo da FRETILIN, é literalmente arrasado. As culturas são queimadas com napalm, o mesmo acontecendo a centenas de aldeias que desapareceram completamente do mapa. Perto de 90% das cabeças de gado são perdidas, mortas por balas, pelas bombas ou pela falta de pastos. Mais de um terço da população é eliminada.

O Dr. Moisés do Amaral, representante da UDT em Portugal, contaria mais tarde, em sessão realizada na Universidade do Porto, que do seu clã, com mais de seiscentas pessoas, restavam vivas menos de trinta ...

É o tempo das **campanhas de cerco e aniquilamento**, dos bombardiamentos cerrados ao Monte Matebian, dos massacres da Uadabora e tantos outros. A razia foi tão completa que **todas as bases de apoio da Resistência foram destruídas**.

3ª Fase - **De Março de 1981 a Março de 1983**

Na Sequência da **Conferência Nacional** da FRETILIN realizada no interior do território, de 1 a 8 de Março de 1981, na qual Kay Rala **Xanana Gusmão é eleito como novo líder da Resistência** esta **reestrutura-se** e a guerrilha renasce das cinzas e desenvolve-se.

Os ocupantes decidem **mobilizar cerca de quarenta mil homens, mulheres e crinaças timorenses** para seguirem, desarmados, à frente das tropas indonésias, **para servirem de escudo.** Novos massacres, com extrema brutalidade exercida sobre pessoas de todas as idades, incluindo bebés e mulheres grávidas, causam horror mas, ao mesmo tempo, reforçam a determinação do Povo de lutar pela sua dignidade e pela sua liberdade.

4ª Fase - **De Março a Agosto de 1983**

Perante os êxitos da guerrilha, os indonésios resolvem mostrar-se aparentemente dialogantes. A pedido destes, iniciam-se, em 20 de Março de 1983, **Conversações de Paz** entre o comandante-em-chefe das Forças Armadas Indonésias em Timor Leste, Coronel Purwanto, e o Líder da Resistência, Xanana Gusmão.

Em 23 de Março é assinado um **"Cessar Fogo"**, ao mesmo tempo que a **FRETILIN propõe um Plano de Paz que prevê *a "organização de consultas livres e democráticas ao Povo Maubere"*.**

5º Fase - **De Agosto de 1983 a Setembro de 1989**

Portugal e o mundo desprezam a oportunidade aberta pelo "Cessar Fogo" e ignoram o Plano de Paz. O Governo Indonésio, perante a indiferença generalizada, retoma a guerra.

No entanto, as redes de contactos estabelecidas durante o cessar fogo tornam possível **o desenvolvimento da luta clandestina nas cidades**. Xanana Gusmão proclama, em 1983, a **convergência de todos os nacionalistas timorenses** na luta contra a ocupação, **e a unidade nacional reforça-se**, no interior. Três anos depois, também os principais líderes, no exterior, da UDT e da FRETILIN, estabelecem, em 18/3/86, a *"Convergência Nacionalista"*.

Em 7 de Dezembro de 1987 Xanana Gusmão declara:

"as FALINTIL só terão uma sublime missão a cumprir: a defesa da Pátria de todos nós e a manutenção da ordem interna, instaurada por uma Constituição que proclame a defesa das liberdades individuais e colectivas e o respeito pelos interesses de todos os cidadãos e camadas sociais de Timor Leste! Para que as gloriosas FALINTIL possam vir a cumprir plenamente a sua missão, dentro da estrutura do Governo, seja qual for a tendência política do Executivo, necessário se tornava afirmar desde já a neutralidade das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste".

Em carta de 31 de Dezembro de 1988, para completar o processo de despartidarização das Forças Armadas de Libertação Nacional, o Comandante-em-Chefe, Xanana Gusmão, comunica a sua saída da FRETILIN.

Em 5 de Outubro de 1989 é de novo Xanana Gusmão quem esclarece e precisa melhor ainda:

"As FALINTIL (...) adquiriram, nestes últimos onze anos, o verdadeiro papel que lhes cabe e que se insere apenas na defesa da Pátria, tendo ficado assim libertas de qualquer dependência política para com determinado partido. (...) As FALINTIL não fazem política, mas desde já estão empenhados em ajudar a construir uma nação livre e democrática, sob os fundamentos do respeito pelas liberdades de pensamento e associação, de expressão e reunião e do respeito integral pelos direitos universais do Homem.
O pluripartidarismo e uma economia de mercado serão os alicerces para um Timor Leste indendente (que os guerrilheiros estão construíndo com os seus cadáveres!). Estado livre e não-alinhado que não renunciará ao firme propósito de se candidatar à ASEAN, como contributo mais positivo para a estabilidade regional".

6ª Fase - **De 12 de Outubro de 1989 até 12 de Novembro de 1991**10
visita da quatro horas **de João Paulo II colocou o território no mapa** dos *"média"* e tornou-se um marco do mais alto significado para o povo timorense. Pela primeira vez os jovens das cidades gritam publicamente o seu desejo de liberdade, no final da Missa papal.

A partir da' **a juventude timorense, educada dentro do sistema indonésio, passa a manifestar-se contra a ocupação.**

Na antevisão da visita papal, D. Ximenes Belo escrevera, meses antes (em 6/2/89) uma carta ao Secretário Geral da ONU em que lhe pede *"para iniciar em Timor o processo de descolonização mais normal e democrático que é a realização de um referendum"*.

A partir daí, Ximenes Belo torna-se uma referência e símbolo das aspirações do povo de Timor Leste e é alvo do apoio da juventude. Este apoio torna-se bem explícito na carta que, em 7 de Setembro de 1989, cerca de uma centena de estudantes universitários timorenses enviam ao Secretário Geral da ONU, em que exprimem o apoio à posição do seu Bispo a favor do referendo e afirmam que *"a realização dos interesses do povo timorense passa necessariamente pela autodeterminação e independência total"*.

Perante estes desenvolvimentos, Xanana Gusmão podia afirmar, em Setembro de 1990, com serena confiança:

"(...) Se, há 3, 4 anos, ainda nos preocupávamos com o "depois da exterminação das FALINTIL", hoje, a exterminação das FALINTIL é Apenas vista como um preço exigido pela PÁTRIA. Não só é com muito agrado mas é com um incontrolável orgulho que as FALINTIL constatam que os seus sacrifícios puderam acalentar e consolidar as bases

de uma resistência verdadeiramente nacional, tornando-as indestrutíveis.
A situação, no plano interno, atingiu um estádio inigualável e não podemos esconder a nossa imensa satisfação ao declaramos isto. As nossas esperanças, do início desta fase, tornaram-se nesta empolgante realidade, que fomos construindo com os cadáveres de todos quantos tombaram pela Pátria, a confiança que depositávamos na inexcedível abnegação do nosso Povo traduziu-se na própria certeza e a fé que sempre nos guiou corporizou-se enfim numa total assunção do dever de buscar a vitória.
No plano global da guerra, todos estamos seguros de que o tempo corre a nosso favor e não a favor de Jakarta. No campo meramente militar, as FALINTIL estão conscientes de que já cumpriram o seu dever e estamos política, psicológica e moralmente cada vez mais preparados para aceitar a nossa exterminação, porque sabemos que a nossa exterminação não significará o fim da guerra. O Povo Maubere continuará a lutar e não desistirá, sejam quais forem os vendavais da História".

7ª Fase - **De 12 de Novembro de 1991 a 12 de Novembro de 1994**

A expectativa de visita de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor Leste, mobilizou milhares de timorenses para a preparação , na mais completa clandestinidade, de manifestações de boas-vindas e de expressão da vontade de libertação do jugo do ocupante.

Frustrada essa expectativa, não quiseram os timorenses deixar partir os jornalistas subitamente entrados no território, sem uma manifestação clara do querer da juventude e do Povo de Timor Leste. A romagem ao túmulo do jovem Sebastião Gomes, assassinado dias antes na Igreja de Sto. António de Motael, em Dili, foi o pretexto.

A brutalidade das forças ocupantes manifestou-se novamente , provocando mais um **Massacre,** agora junto ao Cemitério **de Sta. Cruz**. Mas, desta vez havia jornalistas estrangeiros. As imagens de Max Stahl e os testemunhos de Allan Nairn, Ami Goodeman e outros jornalistas correram mundo. **O drama de Timor Leste e a luta do seu povo internacionalizaram-se.**

Na própria Indonésia a imprensa é obrigada a falar no massacre. E, sob a pressão internacional , alguns militares são castigados.

A "Missão Paz em Timor Leste", com pouco mais de uma centena de jovens de 22 países a bordo do Lusitânia Expresso, em Março de 1992, motivou a publicação de centenas de páginas na imprensa indonésia e dos países da região, dando maior impacto ao Massacre de Santa Cruz e chamando a atenção para a justiça que assistia ao povo timorense na sua luta pela autodeterminação.

A prisão de Xanana Gusmão, em 20 de Novembro de 1992 apanhado numa casa em Dili, onde passava grande parte do tempo para desenvolver a luta clandestina e conseguir internacionalizar o problema, foi um duro golpe para a Resistência. Houve quem falasse de traição, quando Xanana apareceu na televisão combalido e aparentemente disposto a colaborar com o inimigo.

Mas, com a sua inteligência política de excepcional sagacidade e visão, Xanana preparava assim o seu golpe de mestre, ao convencer as autoridades indonésias a organizar (em Maio de 1993) um julgamento público, para aí recusar qualquer acordo com o ocupante e reafirmar a sua firme determinação na luta pela autodeterminação e independência do seu povo.

8ª Fase - **De 12 de Novembro de 1994 a 11 de Outubro de 1996**

Na véspera da chegada do Presidente Clinton à Indonésia, 29 jovens timorenses executam um golpe espectacular no coração do ocupante, ao saltar os portões e penetrar nos os terrenos da Embaixada dos Estados Unidos, perto do palácio do Presidente Suharto, em Jakarta.

Houve colaboração da solidariedade indonésia nesta operação. E a petição que os jovens timorenses entregaram aos jornalistas, além de exigir a libertação de Xanana Gusmão e dos restantes presos políticos timorenses, também pedem uma amnistia para os presos políticos indonésios.

A solidariedade entre os dois povos, desenvolvida sobretudo a partir do Massacre de Sta. Cruz , torna-se efectiva. Depois da internacionalização, conseguida em 1991, é a fase da **indoneização**, crucial para o futuro.

Esta solidariedade entre timorenses e indonésios, a que a Universidade do Porto também procurou dar força, ao convidar democratas indonésios para as suas Jornadas de Timor (desde 1990), de acordo com a linha política definida pelos jovens timorenses a estudar na Indonésia, e em consonância com apelos do próprio Xanana Gusmão nesse mesmo sentido, registou , em 12 de Novembro de 1994, a sua primeira grande vitória. Muitas outras se lhe seguirão depois.

9ª Fase – **De 11 de Outubro de 1996 a 28 de Maio de 1997**

O **anúncio,** feito em 11 de Outubro de 1996**, da atribuição do Prémio Nobel da Paz a** duas personalidades timorenses do mais alto relevo na luta pela dignidade e liberdade do seu Povo, **o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo e o** principal diplomata timorense, **Dr. José Ramos Horta, representou o reconhecimento internacional da justeza da luta do Povo de Timor Leste**.

Esta adquiriu, assim, nova dimensão. Muitas portas, de chefes de estado e de governo, de personalidades e meios de comunicação social, que antes estavam completamente fechadas, abriram-se para o problema de Timor Leste e para os seus dois principais arautos.

10ª Fase – **De 28 de Maio de 1997 até hoje (Fevereiro 1998)**

Depois de um período de cessar fogo unilateral, as FALINTIL tornam-se a expressão da revolta timorense e indonésia perante a fraude das eleições organizadas pelo regime ditatorial do General Suharto, ao desencadear uma série de ataques em vésperas das pseudo-eleições. Cerca de uma vintena de elementos das forças ocupantes perdem a vida. Mas a mensagem passa.

À violência brutal do regime, que fecha as portas à democratização com a repressão de todas as tentativas pacíficas de alteração do estado de degradação política em que a Indonésia caiu, responde a Resistência timorense, através da sua componente armada, com a força da sua determinação na luta pela liberdade, pela reposição da legalidade internacional no território e pela instauração da legitimidade democrática, quer em Timor Leste quer na Indonésia.

A **Resistência Timorense** torna-se assim, claramente, **um exemplo e factor impulsionador da luta pela democracia** e contra a fraude antidemocrática, **quer em Timor Leste quer na Indonésia**.

Apesar da continuada e permanente falta de apoios internacionais, e contando apenas com a força da sua própria abnegação e coragem, e o apoio do seu Povo, a Resistência Timorense, liderada por Xanana Gusmão e Konis Santana, assume mais uma vez a responsabilidade que a comunidade internacional e as Nações Unidas alienaram e, com o seu sacrifício, fez aquilo que os mais poderosos exércitos e governos do mundo não quiseram honrar: - o dever de repor a legalidade internacional e de libertar os povos oprimidos.

5 - A crise económica e pol'tica na Indonésia : - inquietações e esperança para Timor Leste.

Ao recapitular, ainda que de forma sumária e algo superficial, as dez etapas já percorridas pela Resistência Timorense, sentimo-nos pequenos perante a determinação e coragem desse povo tão sofrido e tão heróico. Espanta a clarividência dos seus líderes que conseguiram, – no meio de erros , que também cometeram, é certo – conduzir uma luta em condições de tão extrema dificuldade, sem santuários nem apoios externos, contra um inimigo poderosíssimo e apoiado pelas principais potências mundiais.

Tudo o que a solidariedade internacional e alguns governos apoiantes fizeram, até hoje, é muito pequeno, quando comparado com a gesta heróica do Povo de Timor Leste.

Foi essa heróica tenacidade que manteve viva a Esperança durante mais de vinte anos, enquanto o mundo mudava substancialmente, até o próprio regime indonésio se começar a afundar.

As grandes dificuldades financeiras económicas e sociais com que se debate hoje a Indonésia, tal como alguns outros países do sudeste asiático, a que se junta uma crise política própria muito grave, que não existe (ou é muito menor) noutros países da região, abrem portas à queda da ditadura do General Suharto.

Se a queda do regime for acompanhada de uma democratização da Indonésia, e se a solidariedade internacional for capaz (e tem todas as condições para isso) de condicionar o reconhecimento do carácter democrático do novo regime ao

respeito pelo direito à autodeterminação de Timor Leste, a hora da liberdade soará para os dois povo, timorense e indonésio, dentro de não muito tempo.

Mas se o governo americano e outros tradicionais aliados de Suharto não tiverem visão suficiente para apoiar a democratização, graves conflitos de imprevisíveis consequências podem ocorrer.

Neste caso, as tensões acumuladas em mais de vinte anos de ocupação, podem explodir. Muitos transmigrantes e colaboracionistas podem ser mortos. E um banho de sangue pode manchar mais uma vez, o solo de Timor, dificultando a necessária reconciliação interna e com os vizinhos que a geografia determinou para sempre.

Prever e analisar as alternativas possíveis, e preparar as respostas adequadas a cada caso, é tarefa que se impõe, não apenas aos timorenses, mas também à Potência Administrante e à solidariedade internacional.

Construir pontes de diálogo entre timorenses, e entre estes e as forças vivas que determinarão o futuro da Indonésia, é tarefa essencial.

Porque a hora, sendo de esperança, também contém riscos a suscitar inquietações. É fundamental acompanhar com grande atenção a evolução em curso e usar da maior sensatez e determinação na acção.

Porto, 12 de Fevereiro de 1998

António Barbedo de Magalhães

Boutique Barroso

PRONTO A VESTIR PARA SENHORA

R. Manuel Espregueira, 80 - Tel.: 82 28 43 - ***4900 VIANA DO CASTELO***

TL4476-3

O ESPIRITO DE UM COMBATENTE

Vim com um corpo pobre,
Pele seca a cobrir os ossos.
Não sou herói nem pretendo outra coisa,
Que libertar aquele Povo,
Da nossa... linda Pátria timorense.

Não trago cama nem esteira,
Nem "tais mane", nem manta.
Chegou a hora de não dormir.
A Pátria está ameaçada,
Devo partir... para libertá-la.

Nada me diverte ao pensar
No sofrimento do meu povo;
Nas matas e nas vilas ocupadas
Por assassinos e violadores
Da gente e da Pátria Querida.

O meu povo está algemado,
Colonizado e oprimido,
Roubado e explorado,
Torturado e em vias de exterminação.
Sou tão infeliz perante estes factos!

Ninguém ouviu o grito do sol nascente!
O grito pela liberdade e independência!
Embora seja pobre e indefeso,
Não trairei a minha consciência,
Sendo homem dignamente.

A victória é a minha convicção.
Com a força do meu espírito,
Destruirei paredes de opressões,
Quebrarei as algemas das injustiças.
Libertemos a nossa Pátria Querida!

F.R. Saky (nome de combatente)
Carlos da Silva Lopes

MAR DE TIMOR

Ó Ilha que ao mar deu seu nome, outrora,
Por onde audazes lusos navegaram,
E a outra ilha – Flores denominaram:
Em ambas, descendência inda mora!

Laureans

TIMORENSES!

Cá pela Europa, nós... – vossos irmãos,
Agimos por Timor e vizinhança,
Mantendo vossa flama de esperança,
Limpamos da memória actos vãos...

Quão atroz o militar indonésio,
Impondo o terror para destruir-Vos!
E nós sonambulando e dirigidos
Por "droga..." americana de amnésia.

E assim em vez de grinaldas de luz,
Vindas de estrelas do Oriente da Terra,
Chega-Vos a crueldade tão cega,
Desmascarada ao mundo em Sta. Cruz;

Aquando em oração no cemitério
O Povo, seus mortos, homenejeava,
O maléfico Marte tranformava
Em trágico, aquele necrotério.

Entre gritos e tortura de pânico,
Nossos irmãos de fé..., iam caindo
Com lágrimas e sangue – cobrindo
Do invasor, o sarcasmo satánico.

Viana, 11 de 1997
Laureans

INDONESIA
INDONESIA
INDONESIA
INDONESIA
INDONESIA
TIMOR

TL4476-4

TIMOR

RECORDANDO D. MARTINHO DA COSTA LOPES

1. D. Martinho da Costa Lopes nasceu em Timor-Leste a 11 de Novembro de 1918. Morreu em Lisboa a 27 de Fevereiro de 1991.

O semanário *"O Jornal"* de 08.03.1991 ocupava metade da sua primeira página sobre a sua morte do seguinte modo: *"Exilado em Portugal há oito anos –Bispo de Timor-Leste morreu à fome–. O fim agónico de D. Martinho da Costa Lopes faz-nos perguntar por onde andam a solidariedade ou a simples caridade cristã. Doente, sozinho, faminto, ele foi-se deste mundo em surdina..."*.

2. D. Martinho era vigário geral em 7 de Dezembro de 1975 quando a Indonésia invadiu Timor e seria nomeado administrador-apostólico de Dili depois da resignação do seu antecessor.

Ele próprio resignaria em 1982: *"a resignação foi-me aconselhada pela Cúria Romana, lá do alto"*. Sem dúvida João Paulo II não terá querido perder as boas graças do ditador Suharto e *"exilou"* um bispo tão incómodo.

É que, no exercício das suas funções como chefe da Igreja Católica em Timor, ele acolhe os perseguidos e denuncia as barbaridades cometidas pela Indonésia. Este seu trabalho sofredor foi preponderante para que a população católica tivesse aumentado, nesse período, de 30% para 80%.

A sua residência era frequentemente revistada pelos ocupantes.

A sua voz terá sido a primeira com verdadeira ressonância internacional declarando que ao longo desses anos de guerra constatou *"a ânsia dos timorenses em serem independentes"* e que *"os indonésios não querem que sejam contados (os mortos). Mas terão morrido entre 150 e 200 mil em virtude da guerra e das suas consequências"*.

Não deixou de criticar as nações europeias e os E.U. América pela sua incoerência em não terem pressionado e obrigado a Indonésia a respeitar os direitos humanos que sabiam violados. E põe o dedo na ferida: *"hipnotizados por toda a riqueza da Indonésia e pelo seu vasto mercado relegam para segundo plano os direitos legítimos do povo Maubere"*.

3. Manteve um encontro secreto com Xanana Gusmão que considerava *"o motor e impulsionador da resistência"* e refere Nicolau Lobato que *"foi de facto um grande herói"*.

Numa entrevista falou-se em rendição e D. Martinho explicou que nos seus multiplos contactos com a resistência sempre lhe foi afirmado: *"Rendição? Não, não. Estamos dispostos a lutar até à morte, até ao último homem, até à última bala"*. Acerca da sua eventual simpatia pelà Fretilin: *"Se sou simpatizante da Fretilin é na medida em que eles defendem a independência e eu sou timor"*.

4. O cerco a D. Martinho aperta-se. Significativo foi o encontro (forçado) com o ministro da defesa Indonésia Josujo, em 81, Bacau, que o interpelou se era verdade que andava a acusar os militares indonésios de massacrar o povo de Timor-Leste e a resposta foi pronta: *"os militares indonésios violam impunemente os direitos fundamentais do ser humano, a saber, o direito à vida, à segurança da sua pessoa, à liberdade"*. O ministro

pergunta-lhe se tem provas e D. Martinho citou um número elevado de nomes de pessoas desaparecidas. O ministro terá respondido que elas poderiam estar algures em território indonésio. Resposta de D. Martinho: *"De todos os casos, sem excepção tenho a certeza moral que foram liquidados pelos militares. Todavia garanto-lhe que estaria disposto a rectificar o meu juízo, se os fisesse comparecer, um a um, diante de mim!"*.

Dos inúmeros acontecimentos em que se envolveu na defesa dos timorenses, seria determinante a sua homilia perferida numa procissão em 13 de Outubro de 1982, na presença de 20.000 pessoas em que decide denunciar em públlco a morte relativamente recente de 500 timorenses: *"mulheres grávidas desventradas cujos bebés nascituros arrancados com violência ao útero materno foram esborrachados contra as rochas, etc"*.

É interrogado pelas autoridades militares indonésias que insistem para que se cale. A força da sua resposta não deixou dúvidas: *"em virtude da missão profética que me assiste sinto-me na necessidade imperiosa de denunciar ao mundo inteiro o genocídio que se está praticando em Timor, para que, ao morrermos, o mundo saiba que morreremos de pé"*.

O ministro ouviu atónito D. Martinho afirmar que as operações militares em curso *"fazem supor tratar-se de um plano concebido para o extermínio do povo de Timor"*.

A partir daqui as pressões de Jacarta junto do Vaticano intensificaram-se e obrigam-no à resignação e exílio em Lisboa.

5. Vivia só numa pequena cave desde 11 de Junho de 1983. Despojado: um telefone, televisão a preto e branco e uma mesa onde celebrava missa, uma vez que foi colocado em Lisboa pelo Vaticano sem qualquer nomeação pastoral. Leite frio e bolachas seriam a base da sua alimentação.

A autópsia revelaria múltiples problemas de saúde *"um mau estado geral de nutrição a que sobreveio um acidente vascular"*.

Contudo, o seu exemplo não seria esquecido Ramos Horta refere-sel-he com carinho *"ao saudoso D. Martinho..."*

Xanana Gusmão: recorda as palavras do *"mui querido D. Martinho..."*.

Os timorenses não o esquecerãm.

Contudo estou em crer que quem tiver a consciência pesada seria altura de refletir e pedir perdão pelo abandono a que D. Martinho foi votado. E não será certamente, Ramos Horta que criou, recentemente, em Lisboa, uma Fundação com o nome de D. Martinho Lopes.

Fernando Canedo

FONTES.

"Diário de Notícias" - 03.03.91
"O Jornal" - 08.03.91
Cadernos do Terceiro Mundo - Agosto 83
Gusmão, Xanana - "Timor Leste: Um Povo Uma Pátria"
Edições Colibri
Horta, José Ramos - "Amanhã em Dili" - D. Quixote
Taylor, John G. - "timor - A História Oculta" - Bertrand

TIMOR LESTE

Uma ilha esquecida

TIS Map

ACTIVIDADES DO CCAM DESDE AGOSTO DE 1997

EXPOSIÇÕES

De 18 de Agosto
a 21 de Setembro 97
-Exposição de Desenho - *"FIGURINOS DE TEATRO"*, de JÚLIO CAPELA
LOCAL: -Sociedade de Instrução e Recreio de Carreço - SIRC
ORGANIZAÇÃO/APOIO: -Centro Cultural do Alto Minho

De 25 de Outubro
a 15 de Novembro 97
-1.ª FASE - Exposição de Pintura
"TRABALHOS DE ATELIERES DA VIII BIENAL DE VILA NOVA DE CERVEIRA"
LOCAL: -Galeria Barca d'Artes
APOIO: -Câmara Municipal de Viana do Castelo.
SEC - Delegação Região Norte

De 17 a 30 Novembro 97
-2.ª FASE - Exposição de Pintura
"TRABALHOS DE ATELIERES DA VIII BIENAL DE VILA NOVA DE CERVEIRA"
APOIO: -Câmara Municipal de Viana do Castelo
SEC - Delegação Região Norte

De 2 a 23 Dezembro 97
-Pintura De *SOBRAL CENTENO*
LOCAL: -Galeria Barca D'Artes
APOIO: -Câmara Municipal de Viana do Castelo
SEC - Delegação Região Norte

De 6 a 31 Dezembro 97
-Pintura - *"HORIZONTES"* de *MANUEL LIMA*
LOCAL: -Casa Melo Alvim
ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho/Casa Melo Alvim

Janeiro 98
-Pintura de *MANUEL LIMA*
LOCAL: -Casa da Cultura de Melgaço

De 12 de Janeiro
a 20 Fevereiro 98
-Pintura de *TITA COSTA*
LOCAL: -Galeria Barca D'Artes
ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho
-Câmara Municipal de Viana do Castelo

De 17 de Janeiro
a 20 Fevereiro 98
-Pintura de *JÚLIO CUNHA*
LOCAL: -Sala dos Crúzios - Casa Melo Alvim
ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho
Casa Melo Alvim
APOIO: -SEC - Delegação Regional do Norte

De7 de Março
a 11 de Abril 98
-Pintura de *ANTÓNIO BRONZE*
LOCAL: -Sala dos Crúzios - Casa Melo Alvim
ORGANIZAÇÃO: -Centro C A. M.
-Casa Melo Alvim
APOIO: -SEC - Delegação Regional do Norte.

De 7 a 18 Abril 98
-*"Xanana Gusmão visto pela Imprensa Portuguesa"* Trabalho de Pesquisa realizado pelos alunos do Curso de Verão 97.
Biografia, música e artesanato de TIMOR
LOCAL: -Galeria Barca D'Artes
ORGANIZAÇÃO: -C.C.A.M. - Oficina de Letras
APOIOS: -IPJ - Inst. Port. Juventude V. Castelo.
-Câmara Municipal de V. Castelo, Sec. Delegação Regional Norte

APRESENTAÇÕES

20 de Dezembro 97

-*ROMANCE "O MENINO DE SEU PAI"* de *GILBERTO SANTOS*
- pela Presidencia do CCAM M.ª Arlette S. Faria

LOCAL: -Auditório do Museu M. Viana do Castelo, pelas 10H30
ORGANIZAÇÃO: -Câmara M. de Viana do Castelo
APOIO: -Centro Cultural do Alto Minho
Câmara M. de Viana do Castelo.

24 de Janeiro 98

-Homenagem a *ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA* O Poeta
- pela presidente do C.C.A.M. M.ª Arlette S. Faria

LOCAL: -Auditório do Museu Municipal de Viana do Castelo pelas 16H00
ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho
Centro de Estudos Regionais
Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho
APOIO: -Câmara Municipal de Viana do Castelo

EDIÇÕES

7 de Março 98

-*"O OLHAR E OS SENTIDOS - 14 POEMAS A VILA NOVA DE CERVEIRA"* de *IGNACIO NUNO PIGNATELLI* e aguarelas de *PAULO HERNANI*

LOCAL: -Câmara Municipal de Vila Nova Cerveira
ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho
APOIO: -Câmara Municipal de Vila Nova Cerveira

7 Março 98

-Postal de Xanana Gusmão - *"Por Timor"* ilustrações de Júlio Capela

ORGANIZAÇÃO: -Centro Cultural do Alto Minho
APOIO: IPJ - Inst. Port. de juventude de Viana do Castelo

Abril 98

-*Estilete* - Boletim Cultural do C.C.A.M., nº 2

ORGANIZAÇÃO: C.C.A.M. - Oficina de letras
APOIOS: -Inst. Port. de juventude de Viana do Castelo - JPJ
-Primauto Concessionario Fiat

COLABORAÇÕES

De 24 de Janeiro
a 11 Fevereiro 98

-Animação Cultural - Instalações para GRUPO *"ESCOLALEGRO"*
-Sede do Centro Cultural do Alto Minho

De Novembro 97
a Março 98

-Animação cultural - instalações para o grupo de Viana do Castelo de *"Amnistia Internacional"*
Sede do Centro Cultural do Alto Minho

COLÓQUIOS

28 de Março 98

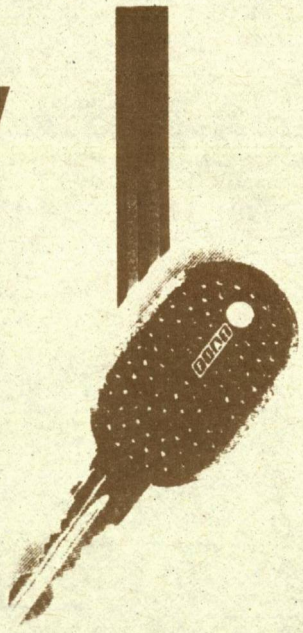
-*"PROBLEMAS DO JORNALISMO NACIONAL E REGIONAL"*

LOCAL: -Museu Municipal
ORGANIZAÇÃO: -C. C. A. M.
APOIO: -Câmara Municipal de Viana do Castelo

Instituto Português da Juventude

Delegação Regional de Viana do Castelo
Rua do Poço, 16/20
4900 Viana do Castelo
Telf.: (058) 810 88 18 / 810 88 00
Fax: (058) 810 88 19
ipj.vianadocastelo@mail.telepac.pt

FIAT



PRIMAUTO

PRIMAUTO
CONCESIONARIO FIAT

SEDE / STAND / OFICINA / PEÇAS / ESCRITÓRIOS:
Rua Mousinho de Albuquerque, 667 Apartado 2123
Tels. 938 72 55/6/7/8/9 - 937 23 19 - 937 24 69
Fax 937 25 19 - 4450 MATOSINHOS
STAND DE VENTAS: *Avenida Serpa Pinto, 540/552*
Tels. 938 36 33 - 937 05 91 - 4450 MATOSINHOS

PRIMAUTO